

**Reinventando o imaginário e as representações sociais:
em favor de uma Sociolinguística da esperança**

***Reinventing the social imaginary and the social representations: in
favor of a Sociolinguistics of hope***

Sebastião Josué Votre

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Neste ensaio, apresento uma agenda para novo desafio da Sociolinguística, no quadro da esperança social. A agenda se consubstancia em ações, apresentadas no gerúndio: constatando o que se passa no mundo das ideias, como as pessoas se movem dentro de imaginários, representações e percepções sociais contingentes; desvelando o caráter violento da produção cultural e gramatical em que as pessoas se movem; aprendendo a lidar com a linguagem culta fascista e integrando o movimento de resistência, resiliência e esperança social; interagindo com Latour (2001), Stoer et al. (2004), Fairclough (2016) e Rorty (2000, 2002, 2005), na agenda da esperança social, e da cidadania reclamada; examinando as metas do Grupo de Trabalho de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), no plano do biênio 2018-2020; formulando uma agenda da *sociolinguística da esperança social*, a partir das aberturas desse plano; buscando parcerias multi, inter e transdisciplinares com correntes socialmente comprometidas de funcionalismos, gerativismos, gramáticas das construções, teorias ator-rede, e postulados da linguística da resistência, da resiliência e do neopragmatismo de Rorty; detalhando estratégias da agenda contingente sobre o discurso do sujeito coletivo, para coleta e análise de dados de grupos vulneráveis, e para estratégias de enfrentamento à opressão; e por fim, contribuindo com a formulação de políticas públicas ligadas a demandas da educação linguística para a esperança social.

Palavras-chave: Sociolinguística; Contingência; Esperança social

Abstract: In this essay, it is formulated an agenda for the new challenge of the Sociolinguistics, in the area of social hope. The agenda is embodied actions, presented in the gerund: realizing what is happening in the world of ideas, how do people move inside of imaginaries, contingent social representations and perceptions; unveiling the violent aspect of both cultural and grammatical production in which people move around; learning how to deal with the cultured fascist language and integrating the movement of resistance, resilience and social hope; interacting with Latour (2001), Stoer et al. (2004), Fairclough (2016) and Rorty (2000, 2002, 2005), in the agenda of



social hope, and claimed citizenship; investigating the goals of the Work Group of Sociolinguistics, in the plan of the biennium 2018-2020; formulating an agenda of the *sociolinguistics of the social hope*, departing from the openings of this plan; searching for partnerships in multi, inter and transdisciplinary movements socially compromised with functionalists, generativists, grammars of constructions, theories, actor-net, and postulates of linguistics of resistance, resilience and the neopragmatism of Rorty; detailing strategies of the contingent agenda about the speech of the collective subject, for the collection and analysis of data of vulnerable groups, and strategies of confrontation to oppression; and finally, contributing with the formulation of public policies linked to the demands of linguistic education for social hope.

Keywords: Sociolinguistics; Contingency; Social hope

1 Introdução

A parte inicial do título deste ensaio denuncia um trabalho em que a sociolinguística enfatiza os interlocutores, bem como suas interlocuções, transbordando o espectro variacionista. Ao tentar descobrir o que se passa no mundo das ideias, constatamos¹ como as pessoas se movem dentro de valores, crenças, representações, imaginários, concebidos como entidades permanentes. E como estão sujeitas ao caráter violento da produção cultural em que estão mergulhadas.

O texto retoma e explicita respostas a quatro questões, formuladas pela Coordenação do Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística, na comemoração dos 35 anos de existência desse grupo de trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). No alargamento das respostas a novas incursões da Sociolinguística, numa linha de pesquisa associada à emancipação de minorias vulneráveis, formulo um programa que vai além do caráter crítico das análises e ingressa no campo das ações concretas de resgate da cidadania reclamada.

O caminho, relativamente tortuoso, no qual nos movimentamos, é o da integração de saberes. O interesse por questões de Psicologia e Filosofia da Linguagem resultou da

¹ A participação de Edair Görski (UFSC) e Carla Valle (UFSC) foi decisiva para reorientar a proposta e alinhá-la ao estado da arte da sociolinguística moderna.

convivência com antropólogos, como Bruno Latour, com a Teoria do Ator-Rede (TAR),² com linguistas que fazem Análise Crítica do Discurso, como Norman Fairclough e especialmente com filósofos neopragmatistas da linguagem, como Richard Rorty.

Esta convivência entreabriu as portas do discurso. Com foco no lado opressor ou emancipador da linguagem, fascista ou libertária, passamos a prestar atenção para categorias contingentes, como marcas de empoderamento e de anulação. Seleccionamos categorias analíticas que ajudaram a interpretar valores e hábitos sociais, entre os quais se contam o sexismo, o racismo, o autoritarismo, e o machismo. Inicialmente, retomo as questões da coordenação do GT, que na *Live*³ de 27 de julho, na UFRJ, tiveram uma resposta pouco adequada de minha parte. Após revisitar as questões, entro na presente proposta, olhando para o futuro – propugnando pelo alargamento de uma linha da Sociolinguística. Nesta opção, assumo a contingência da experiência e da linguagem, no quadro da esperança social. Nesta trajetória, vou-me encaminhando para a análise dos discursos de grupos vulneráveis. Concluo a proposta revisitando a pesquisa-ação, com vistas a contribuir com a cidadania autônoma.

Começo a responder com mais cautela às questões da coordenação do GT de Sociolinguística, com versão modificada e ampliada das respostas que ofereci às perguntas apresentadas pela coordenação do GT na comemoração de 35 anos, que se deu no dia 11 de dezembro de 2020.

2 Revendo respostas às questões formuladas pelo GT de Sociolinguística

- 1) *O que significou a criação desse GT no Brasil há 35 anos? Poderia resgatar e contar-nos um pouco dessa história?*

O movimento em favor dos estudos sobre a língua em seu contexto de uso teve um momento importante com a pesquisa intitulada *Competências básicas do português*,

² A TAR é uma corrente da pesquisa em Teoria Social que se originou, na década de 80, a partir dos estudos desenvolvidos por Michel Callon, Bruno Latour, Madelaine Akrich entre outros (cf. LUNA FREIRE, 2006).

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=twqavEdS8Vw&t=1835s> (Painel temático: *GT de Sociolinguística da ANPOLL 35 anos depois: reflexões e cenários?*, durante o Festival do Conhecimento da UFRJ/2020, em celebração do centenário da UFRJ).

com Miriam Lemle e Anthony Naro⁴, e a organização do grupo de sociolinguística correlacional, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), por influência de Labov, que mandou para cá Gregory Guy, seu orientando de doutorado, em 1975.

O *corpus* do estudo era multimodal, e na fala se concentrava em falantes adultos em estágio de alfabetização. O projeto era financiado em parte pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização, MOBRAL, e tinha uma expectativa social e pedagógica, em relação ao status dos falares não cultos, da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. As entrevistas foram gravadas e transcritas no estilo do projeto *Le français parlé* do corpus Montréalais, de 1971.

O projeto *Competências* foi o berço do projeto Censo da Variação Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 64 informantes no início de 1980 e complemento de 32 informantes em 2000, e previsão de novo complemento quando a pandemia permitir ir a campo e gravar.

O poder multiplicador do projeto *Censo* se refletiu na criação de novos grupos, a exemplo de DSC, *Dialetos Sociais Cearenses*, do projeto VALPB, *Variação Linguística no Estado da Paraíba*, e do projeto *Variação Linguística na Região Sul do Brasil*, VARSUL, nos três estados meridionais. Várias gerações de sociolinguistas, sob orientação inaugural de Anthony Naro, Jürgen Heye e Paulino Vandresen, contribuíram e vêm contribuindo decisivamente para consolidar a Sociolinguística no país.

Nossa interpretação, hoje, é que, embora nem sempre de modo consciente, líderes dessas gerações instauraram movimentos e grupos de pesquisa sociolinguística, impulsionando, de forma robusta, as frentes antifascistas, trabalhando na valorização das variedades linguísticas locais, questionando a hegemonia da gramática da língua culta. Não por acaso éramos atacados, de forma sistemática, pelos defensores da gramática padrão, e considerados permissivos, coniventes com a corrupção da língua culta. Ao que sabemos, não circulava, entre nós, a acusação de Roland Barthes, contra o fascismo da língua padrão, mas nossa prática favorecia a visibilização e o reconhecimento dos falares não prestigiados.

⁴ LEMLE, Miriam; NARO, Anthony J. *Competências básicas do português. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford.* Rio de Janeiro, 1977.

2) *Qual a influência de práticas teórico-metodológicas de fora do país na configuração do GT naquela altura?*

No contexto da UFRJ e da PUCRJ, era notória a influência dos estudos desenvolvidos na província de QUÉBEC – sobretudo nas universidades francófonas de Montréal e na Universidade Laval, da Cidade de Québec. Líamos e comentávamos os inúmeros estudos realizados com base no Corpus *Le français parlé*, de 1971. Passamos a conviver com Gillian Sankoff (UdeM), David Sankoff (UdeM) e Henrietta Cedergren (UQAM). O *corpus* Sankoff/Cedergren teve extensões em 1984 e 1995, e ampliou o espectro de análise, além da variação e da mudança, passando a compreender também análise conversacional e variação discursiva. O trabalho de David Sankoff, com o software *VARBRUL* (CEDERGREN & SANKOFF, 1974, ROUSSEAU & SANKOFF, 1978), permitiu um salto qualitativo nas análises de cunho estatístico dos fenômenos estudados.

Entretanto, a influência mais notória veio da Universidade da Pensilvânia, com William Labov, no *Linguistics Lab* e com o *Corpus Language Variation and Change*. Labov e Gillian, então da Universidade da Pensilvânia, acolheram doutorandos e pós-doutorandos de diferentes IEs brasileiras, e contribuíram poderosamente para a difusão dos estudos variacionistas, tanto no que concerne aos métodos de coleta, como aos de tratamento e análise dos dados.

A influência europeia foi menos pronunciada, destacando-se o papel de Basil Bernstein, com *Class, Codes and Control*. Peter Trudgill inovou nas técnicas de coleta, em Norwich, e Robert Le Page, com a valorização da variável etnia, nos estudos com moradores de Cingapura. O casal Milroy, James e Leslie, fez contribuição relevante com o uso da teoria e das metodologias de coleta associadas a redes sociais, em seus estudos sobre o inglês da dividida Belfast, palco de confronto entre católicos e protestantes.

3) *A partir da formação do GT de Sociolinguística, que balanço fazem das promessas/expectativas que nutriam no início desse trabalho/empreendimento, bem como dos rumos e relações que efetivamente se estabeleceram?*

A expectativa era acompanhar o que se fazia com os trabalhos de descrição da língua falada, por Henrieta Cedergren, no espanhol de Panamá, e na província do Québec, com Suzanne Laberge, Pierrette Thibault e Diane Vincent. A orientação sociológica da pesquisa quebequense provinha dos textos de Pierre Bourdieu.

Nossa atenção se voltava sobretudo para as ideias desenvolvidas na Filadélfia, onde esperávamos conviver com grupos relativamente coesos, em torno dos postulados de William Labov, Gillian Sankoff e Anthony Krock.

A convivência com os professores e o corpo discente do *Linguistics Lab* mostrou que as tendências centrífugas são uma constante entre estudiosos da língua em situação real de comunicação. Na questão das variáveis sintáticas, equivalência entre variáveis era a pedra de toque, a exemplo do que ocorria nas universidades da província do Québec, e em Ottawa. Deborah Schiffrin e outros colegas exploravam marcas do discurso, com apoio entusiástico de Labov. Volta e meia assistíamos a confrontos históricos, como o que se travou entre Beatriz Lavandera e William Labov, sobre onde termina a variação.

Maria Luiza Braga, Marco Antônio, Fernando Tarallo e Sebastião Votre acompanhavam as discussões, envolvidos com outros pesquisadores, como Ellen Prince, que nos levou ao Funcionalismo. Tarallo trabalhou com Anthony Krock, que o provocou para a amalgamação da Sociolinguística com a Teoria sintática de Princípios e Parâmetros, e que se desenvolve em IEs brasileiras.

A primeira tarefa que nos impúnhamos era descrever o português falado, tarefa hercúlea e impossível de ser cumprida, se comparada à do grupo do Québec, que se concentrava no *joual*, variante do francês falado na província. Nossos grupos de pesquisa se multiplicaram, em todas as regiões do país, com muitos programas na fonologia e na sintaxe, com produção robusta, e projetos para novas regiões a serem mapeadas e muitos fenômenos a serem estudados, conforme se verificou no XXXV Encontro do GT.

Alguns dos novos rumos se associam às ondas da Sociolinguística Variacionista, na acepção de Penelope Eckert, enquanto outros se aliam a novos desdobramentos da abordagem sociofuncionalista mais ampla, de natureza quali-quantitativa e orientação mais interpretativa, exemplo do que se faz no PEUL e se alastrou para outros grupos de pesquisa e do que faz o VARSUL da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, com os trabalhos de Edair Görski, Carla Regina Martins Valle e seus orientandos, que têm buscado incorporar aspectos estilísticos e identitários na articulação

entre Sociolinguística e Funcionalismo (cf. VALLE, 2014; AMARAL, 2020). Outro nome importante é Maria Alice Tavares (também orientanda de Edair Gorski).

A integração dos saberes e dos fazeres no campo das ciências da linguística educacional e nos estudos da mudança levou a novos perfis, compósitos e, necessariamente contingentes, dos estudos da língua em seu contexto reduzido ou ampliado de uso.

A associação cada vez mais forte com a abordagem funcionalista norte-americana, por sua vez, fez crescer um conjunto de projetos em que se prestou particular atenção para os fatores de natureza funcional, a exemplo de status da informação, cadeia tópica e iconicidade.

Sob influência dos funcionalistas da costa oeste-americana, em especial Talmy Givón, cresceu uma corrente de análise dos processos de morfologização e sintaticização, que desembocaram no que se rotulou gramaticalização, movimento do discurso em direção à gramática e à pragmática.

A ênfase em fatores de dimensão cognitiva, sob influência de pesquisadores e pesquisadoras de Berkeley, sobretudo de Adele Goldberg, provocou uma revisão no escopo da abordagem da gramaticalização, e guinada em direção aos estudos da gramática das construções, em especial para o estudo dos fenômenos de mudança, sem desmerecer o foco inicial na variabilidade no uso da língua.

4) Avaliando hoje a área (35 anos após), o que destacam como ganhos, (re)ajustes, potencialidades futuras em termos da relação língua e sociedade (científica e não-científica) e limitações?

Consideram-se ganhos às extensões da Sociolinguística que se cultivam em alguns grupos de pesquisa e se propagam em diferentes regiões do Brasil, como o Sociofuncionalismo, o Funcionalismo “de raiz”, a Sociolinguística Paramétrica, a Sociolinguística Interacional, e as novas propostas de abordagem das variáveis ideológicas, étnicas, raciais, religiosas, de gênero e socioeconômicas, além das funcionais e estruturais.

Conta como ajuste a alternativa de não utilizar apenas a metodologia da regra variável em alguns fenômenos de difícil mensuração quantitativa e peculiaridades da ordenação vocabular, como a ordenação verbo-sujeito e a ordenação adjetivo-nome.⁵

Verifica-se também a incorporação de variáveis relativamente mais subjetivas, tipicamente contingentes e provisórias, como atitude, opinião ou representação/percepção imediata, face ao prestígio da norma local bem como à avaliação dos diferentes tipos de preconceito, e restrição.

Por outro lado, a relação entre variação e mudança, no sentido laboviano, nos apresenta dificuldades não triviais e requer mais investigação. Em muitos casos, não temos evidência suficiente para afirmar que está havendo mudança, variação aleatória ou variação estável. É preciso deixar passar o tempo, para voltar a campo, e fazer novas entrevistas, para comprar ou não nossas hipóteses sobre o comportamento de determinado fenômeno, mas isso não garante que teremos elementos para asseverar que algo está mudando, pois as gerações é que podem estar mudando o modo de falar, que pode se manter estável na comunidade.

Está na hora de ampliar o âmbito da Sociolinguística, de modo a incluir outros aspectos na relação entre a língua e o seu contexto de uso. Cabe, pois, interagir com Dwight Bolinger, e alargar a sua concepção de língua como uma entidade maleável, que se adapta continuamente, para atender a novas demandas comunicativas. A língua se adapta também a pressões ideológicas, socioeconômicas, políticas, pedagógicas e religiosas. É neste espírito de abertura a novas pressões que o linguista, como profissional da linguagem, precisa interagir com sociólogos, antropólogos, pedagogos, psicólogos sociais, linguistas “aplicados” e com filósofos da linguagem.

Entre os linguistas educacionais, sobressai Basil Bernstein nas aplicações ao ensino, em especial seu conceito de déficit linguístico, que era contestado por Labov, nos anos 1980, foi impressionante o salto teórico do sociólogo inglês, que abandonou o conceito de déficit, ao incorporar a ideia de recontextualização pedagógica, nas últimas versões de *Class, Codes and Control*.

A educação se constitui num pólo importante da produção das aplicações da linguística. Hoje assistimos à implementação de projetos com aplicações da

⁵ É verdade que no caso de fenômenos que estão em distribuição complementar ou com especialização de uso, muitas vezes só se chega a essa conclusão depois de usar a metodologia variacionista.

Sociolinguística ao ensino, como se verifica no GT em trabalhos do eixo Variação e Ensino sob a coordenação de Silvia Rodrigues Vieira e Joyce Elaine de Almeida Baronas; à formulação de propostas promissoras de natureza interdisciplinar, em que cooperam ideias de educadores, sociolinguistas, sociólogos, antropólogos, filósofos, sociólogos da educação e analistas do discurso, a exemplo de *Análise de discursos de graduandos*, de Rosana Berg e Sebastião Votre (2020).

3 Por uma Sociolinguística da esperança social

Novas tendências se anunciam no horizonte da pesquisa, em especial na interação entre os saberes. Queremos destacar três dessas tendências de interação. A primeira delas, do imaginário social, atrelada à antropologia social, tendo como representante Gilbert Durand; a segunda, das representações sociais, vinculada à psicologia social de Serge Moscovici; e a terceira, ainda em fase seminal, associada ao novo pragmatismo, com foco na ideia de esperança social, proposta pelo filósofo da linguagem Richard Rorty.

As duas primeiras tendências podem considerar-se essencialistas, metafísicas. Partem do pressuposto de que há imaginários, valores, crenças, representações e percepções ancoradas na ancestralidade linguística, remontando até o latim vulgar, e mesmo até a origem da linguagem verbal articulada, e incorporadas pelos membros de uma comunidade discursiva como algo estável, imanente, naturalizado, inconsciente, mas concreto, como diria Saussure sobre a *Langue*.

A vertente filosófica da neopragmática se configura como potencialidade futura imediata, em termos da relação entre língua e sociedade e das limitações que cercam parte dessa alternativa.

Consideramos promissora a postura de uma vertente que diz da dimensão emancipadora da abordagem da língua em situação real de comunicação. Nessa abordagem, da esperança social, cabe desconstruir a relação supostamente neutra entre língua e cultura, e pensar que somos enunciações e signos linguísticos incompletos, linguisticamente mutáveis, marcados e controlados em parte pela ideologia, sem perdermos a agentividade.

A Sociolinguística surgiu e se mantém com foco nos usos da língua que mudam ou podem mudar, são contingentes. Nossa linguagem é, necessariamente, gelatinosa, em

processo de ajuste e reajuste, provisória e marcada pelos embates de vária natureza em que nos movemos.

Seguem algumas anotações para a formulação de uma nova frente de estudos do uso da língua, de feição interdisciplinar, com menos passado, mais presente e muito mais futuro. A motivação para esta empreitada se deve, entre outros estudiosos, ao filósofo Richard Rorty, em *Philosophy and social hope*, com âncora em James Dewey, que ele assim sintetizou:

Dewey thought, as I now do, that there was nothing bigger, more permanent and more reliable, behind our sense of moral obligation to those in pain than a certain contingent historical phenomenon – the gradual spread of the sense that the pain of others matters, regardless of whether they are of the same family, tribe, color, religion, nation or intelligence as oneself (RORTY, 1999, p. 10).⁶

Segue o comentário do próprio Rorty à síntese que ele acaba de oferecer para a proposta de Dewey.

A ideia acima não pode ser considerada verdadeira, ou evidente, pela ciência, pela religião, ou pela filosofia. Pode ser considerada evidente para um grupo de pessoas que se acultura no atual modo histórico contingente de forma de vida. Implica uma pintura dos seres humanos como filhos de seu tempo e espaço, sem nenhum limite metafórico ou biológico de sua plasticidade. Significa que um senso de obrigação moral é uma questão de condicionamento, mais do que de *insight*. Também implica que a noção de *insight* (em qualquer área, tanto física quanto ética), é um lampejo do que está dado independentemente de quaisquer desejos ou necessidades humanas; não pode ser coerente.

Acolhemos o aforismo de William James: “The trail of human serpent is over all”.⁷ A consciência, o gosto estético, são produtos do contexto cultural em que crescemos, e não são controlados por oposições binárias, como aparência e realidade, incondicionado e condicionado, absoluto e relativo, propriamente moral e meramente prudente.

Rorty provocou uma revolução nos estudos da linguagem na filosofia, ao incorporar a concepção de uso situado da comunicação verbal, postulando a experiência

⁶ Em tradução aproximada, temos: “Dewey pensava, como eu agora penso, que não há nada maior, mais permanente, e mais confiável, com respeito a nosso senso de obrigação moral para com os que sofrem, do que certo fenômeno histórico contingente – o avanço gradual do sentimento de que o sofrimento dos outros importa, independentemente do fato de eles serem da mesma família, tribo, cor, religião, nação ou inteligência da gente”.

⁷ Conforme original: “A trilha da serpente humana paira sobretudo”.

como condição para a emergência da linguagem, que vem perdendo sua aura, seu status de entidade fundante da personalidade e da identidade. Sua formulação ecoa Karl Marx, ao defender que a consciência vem da existência.

Ao defender o ideário de esperança social como signo linguageiro, Rorty reforçou o caráter provisório do imaginário e das representações sociais, bem como das percepções sociais, em contexto de poder e de constrangimento, de violência e barbárie.

O filósofo nos leva a concluir que documento de cultura é documento de barbárie. Questiona e desautoriza a concepção de identidade estável, fundada em valores essenciais, pois somos sujeitos múltiplos, fragmentados e incompletos. No espírito da modernidade líquida de Zygmunt Bauman (2001), optamos pela manutenção e pelo cultivo da esperança, e não pela busca da verdade. O novo ideário implica o afastamento da abordagem das oposições binárias, platônicas, como natureza e cultura, exterior e interior, verdade achada e fabricada, essência e aparência, subjetivo e objetivo, essência e contingência. Poderíamos dizer que o afastamento da abordagem das oposições binárias está presente no antiplatonismo e no antikantismo, e não se deve a Rorty. Mas ele revestiu a ideia de importante força descritiva, ao estabelecer-se como filósofo neopragmatista da linguagem.

Fundamo-nos no comentário de Rorty sobre o valor das narrativas, como material de análise e de emancipação, que é impactante: "Creio que as histórias tristes sobre padecimentos concretos muitas vezes são um melhor caminho para modificar o comportamento das pessoas do que citar regras universais". A crença de Rorty sobre o poder transformador das narrativas de sofrimento merece ser levada em conta e testada, aqui e agora, em termos de seu efeito na mudança social. Na Sociolinguística as narrativas de experiência pessoal têm sido analisadas tanto no lado composicional, como no das ideias. Labov e Fanshel escreveram um livro brilhante, *Therapeutic discourse: Psychotherapy as conversation*, 1977, a partir de pequeno fragmento de fala de uma mulher anoréxica. E parte substancial de *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular* (LABOV, 1972) consiste na análise de narrativas dos informantes de Nova Iorque.

A parte mais relevante da etnografia de Labov está relacionada à análise de narrativas sobre sofrimento, injustiça, injúria e ofensas pessoais, que ele coletou em comunidade vulnerável na cidade de Nova Iorque. Sua abordagem das narrativas de

experiência pessoal motivou robusta frente de estudos sobre a proficiência narradora dos jovens, quando perguntados se já tinham corrido risco de morte, e como interagiram com quem os ameaçava. Os jovens pertenciam a *gangs* de rua, e sua experiência no enfrentamento dos perigos era muito apurada.

Como se pode imaginar, quando trabalhou com jovens de classe média e retomou a pergunta do confronto e do sofrimento, ouviu relatos frouxos, ou obteve apenas o silêncio. Labov poderia ter expandido sua análise, e ter avançado, na busca de temas que interessam, de modo imediato, os jovens da classe média. Mas seu foco de análise era a população de comunidades desprivilegiadas.

Segundo Thamy Pogrebinski, em *Será o neopragmatismo pragmatista? Interpelando Richard Rorty* (2006), instaura-se com o estudioso uma sólida *filosofia da esperança*, com base nos seguintes princípios: a rejeição da distinção de origem grega entre o modo como as coisas são em si mesmas e as relações que elas possuem com outras coisas, em particular as necessidades e os interesses humanos; a rejeição do projeto filosófico tradicional de encontrar algo estável, que sirva de critério para julgar os produtos transitórios dos interesses e das necessidades humanas, também transitórias; a rejeição do platonismo; a rejeição da metafísica tradicional; a rejeição da filosofia kantiana; e por fim, a rejeição dos dualismos filosóficos.

Thamy formula algumas perguntas, impactantes, que desestabilizam nossas certezas: Quando investigamos, estamos descobrindo ou inventando? Temos consciência de que nossas palavras são hábitos de ação e, portanto, ferramentas? Como nos posicionamos em face do contextualismo, do consequencialismo e do fundacionismo? Como convivemos com a incerteza? Como conceituamos interpretação? Em busca da utilidade, ou em busca da verdade, que é infável? Ou da razão, que é fruto do imaginário?

Espera-se ter mostrado, em versão preliminar, que o papel de Rorty é fulcral, alavanca do nosso pensar e do nosso esperar, na formulação de nova vertente da Sociolinguística, ancorada na esperança social.

A vertente fortalece o caráter contingente da Sociolinguística, que nasceu voltada para avaliar o peso das variáveis sociais imediatas em que as pessoas vivem e convivem, e qual é o peso relativo dessas variáveis para a compreensão do modo como as pessoas falam. Num certo sentido, a Sociolinguística Variacionista sempre trabalhou com o

provisório, variável, mutável, no confronto com o ideário gerativo. Dado o caráter contingente da proposta, cabe uma redefinição de imaginário e representações sociais.

Estou renunciando ao caráter imanentista e representacional da linguagem, concebendo os conceitos em termos de maleabilidade. Assim como a experiência é situada e maleável, condicionada ao aqui e agora de seu contexto, também o é a linguagem. Logo, o imaginário, em que nos movemos, e que nos acolhe, é fruto de nossas interações no curso da vida, o mesmo se diga das representações, que faria mais sentido rotular de percepções, na linha de Norbert Elias.

4 Criando contexto para a proposta

Antes de formular a proposta, vamos apresentar excertos de um resumo de trabalho acadêmico produzido por Carla Regina Martins Valle e Edair Görski e do Plano de Trabalho do GT de Sociolinguística, elaborado por Marcia dos Santos Machado Vieira e Marcos Luiz Wiedemer. Começamos pelo excerto do resumo de *A entrevista sociolinguística como lócus de significados socioestilísticos: categorias macrossociológicas, identidade local e individual* (VALLE & GÖRSKI, 2019),

Com base em uma reanálise de dados de fala de Florianópolis, (...) foi possível: i) dar visibilidade a informações contidas nas entrevistas que permitiram a construção de variáveis extralinguísticas conectadas com demandas específicas (da comunidade e/ou do fenômeno analisado); e ii) mostrar, por meio da análise do uso variável de MDs, como o significado social se desloca das categorias macrossociológicas para categorias demográficas e socioculturais locais, passando a ser associado fortemente a aspectos identitários e estilísticos.

Tenho dois comentários. O primeiro é que o trabalho focaliza demandas da comunidade pesquisada e, por meio da análise dos marcadores, aprofunda a compreensão de categorias demográficas e socioculturais locais. Entendemos que, se pudermos sugerir temas e abordagens de fenômenos locais, teremos maior quantidade de dados para a análise aqui proposta.

O segundo é que, na organização de novos *corpora*, haja atenção para um conjunto de questões que provoquem narrativas mais tensas ou intensas sobre opressão, injustiça, preconceito, sofrimento. E que seja formulada uma questão sobre quais alternativas o informante vê, enxerga, para superar o quadro distópico que apresenta. As temáticas

relevantes estão relacionadas ao diagnóstico socioeconômico da comunidade a ser investigada, com base no exame circunstanciado do modo de dizer e do dito, da gema e da casca das narrativas dos interlocutores, na expressão de Raduan Nassar, ao comentar Lavoura Arcaica.

Examinemos agora o eixo quatro do plano de trabalho do GT de Sociolinguística (2018-2020), intitulado: “Questões teóricas e metodológicas”. Examinemos a formulação da ementa.

Vinculam-se a este eixo, sobre teoria (ou teorias) e métodos para o estudo da variação e mudança linguística, propostas de trabalho que: (i) lidem com a relação entre concepções basilares desse estudo e orientações teórico-metodológicas; (ii) apreciem, criticamente, problemas e encaminhamentos teóricos em foco em diferentes linhas de investigação de variação e mudança, bem como articulações teóricas consolidadas (limites e ganhos) ou potenciais (novas possibilidades); (iii) pesquisem e discutam questões, pressupostos e instrumentais metodológicos; (iv) teçam juízos técnicos sobre tratamentos qualitativos e/ou quantitativos manifestos em descrições de variação e mudança ou ainda necessários/a explorar; (v) promovam componentes teóricos e/ou metodológicos (quase) inexplorados.⁸

O eixo quatro do plano de trabalho oferece espaço para novas abordagens, com articulações teóricas potenciais, como na linha da nova pragmática, em que esta proposta embrionária trabalha com narrativas sobre sofrimento, contribuindo com os objetivos do movimento de esperança social.

5 Retomado a pesquisa-ação

Cabe agora pensar modos de levar a efeito o ideário aqui resumido. Em caráter tentativo, formulamos uma linha de pesquisa com projetos que levem os falantes a discorrerem sobre seu contexto experiencial imediato, hierarquizando urgências e relevâncias. A linha de pesquisa aqui esboçada tem como referência os dados coletados de sujeito coletivo, com grupos focais, em que cada ideia é negociada, discutida e sintetizada com os atores sociais do grupo, à medida que vai sendo enunciada.

⁸ Documento disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/sociolinguistica/wp-content/uploads/sites/38/2013/03/Sociolinguistica-Plano-de-Trabalho.pdf> Acesso em 07 de maio de 2021.

A proposta supõe uma variante de levantamento sociodiagnóstico, focalizando a distopia, como instrumento para coleta de dados do discurso de grupos vulneráveis. A amostra inicial teria entre 15 e 21 informantes, residentes no bairro escolhido para análise há pelo menos dez anos, distribuídos em grupos focais, divididos em três grupos de cinco a sete sujeitos: 16-25 anos, 36-45, 56 em diante.

A coleta das narrativas orais é precedida por etnografia crítica, com visitas preliminares ao local, com foco em indicadores estabelecidos a priori. Propõem-se inicialmente perguntas relacionadas a sofrimento resultante de desigualdade, exclusão, preconceito, em face de: cultura, educação, lazer, rede viária, comércio, transporte, saúde e segurança. O roteiro inicial de perguntas é formulado após o informante ser esclarecido sobre o que se quer com a pesquisa e a razão por que foi escolhido para nos ajudar no estudo.

São questões iniciais: Como você avalia *seu lugar* como espaço para viver bem? Já passou por constrangimento, ou sofreu preconceito, por morar neste *lugar*? Como enxerga as oportunidades de trabalho de homens e mulheres em *seu lugar*? Avalie os espaços destinados à prática de esporte, arte e outras atividades ao ar livre. Teve alguma restrição para praticar esporte, para arte e outras atividades ao ar livre aqui? Teve alguma restrição para entrar em alguma loja, farmácia, ou outro espaço comercial? Quais são as tradições que você considera mais importantes em *seu lugar*? Você já contribuiu para alguma dessas tradições? Para qualquer pergunta, no caso de resposta afirmativa, a pergunta seguinte é: pode contar como foi?

Entre as metas iniciais, listam-se: detalhar os indicadores selecionados, apontando aspectos que mereçam levantamento e análise, com vistas a direcionar propostas de superação da vulnerabilidade e potencialidade de desenvolvimento local; produzir um primeiro levantamento geral de cada indicador, com mapeamento das principais facilidades e dificuldades para realizar cada estudo; definir métodos de coleta e análise crítica do discurso do sujeito coletivo, nos termos de Fairclough, com suporte teórico do novo pragmatismo, na filosofia da esperança, nos termos de Rorty.

6 Formulando breves considerações

A metodologia proposta, de entrevista em grupo focal, com atenção para as percepções dos participantes em grupo favorece a produção de relatos críticos, densos, em que se manifesta o sujeito coletivo. A análise crítica dos dados coletados nesta metodologia que acabo de delinear, permite a formulação de estratégias para alargar o círculo do *nós*, e de propostas solidárias para a emancipação dos grupos vulneráveis.

Cabe perguntar qual é o papel da Sociolinguística, num projeto centrado na análise crítica dos relatos do discurso do sujeito coletivo, com vistas à elaboração de propostas de enfrentamento ao quadro de violência e injustiça da distopia em que vivemos, sob autoritarismo, desinformação e desalento. A proposta aqui esboçada, de uma sociolinguística da esperança social, no contexto da nova pragmática, alarga e robustece o papel social da linguística das enunciações coletivas.

Procurando referências recentes sobre linguística e esperança, encontrei o excelente trabalho da Daniel Silva e Jerry Lee, sobre o discurso de Marielle Franco, 2020, em que os autores comprovam, com dados robustos e resultados animadores, a vertente de estudos ancorada na esperança.

Gostaria de incorporar, a esta nossa proposta de linha de pesquisa, a frase final do trabalho sobre Marielle, que acabamos de referir; “Meanwhile, we believe that further studies on hope in sociolinguistics may gesture to other inventive forms of surviving current conditions of precarization, violence, and inequality”⁹ (SILVA & LEE, 2020, p. 17).

Entendo que o que aqui proponho se coaduna, em termos gerais, à expectativa dos autores, de conceber e formular modos inventivos para sobreviver, no quadro distópico em que nos encontramos, de vulnerabilidade, fragilidade e precarização social, de autoritarismo, violência e desigualdade. Portanto, embarcando na utopia de Paulo Freire, propomos que a exemplo de pedagogia da esperança, incorporemos, no GT de Sociolinguística, uma linha de pesquisa da esperança social.

⁹ Tradução livre: “Entretanto, nós acreditamos que estudos futuros sobre esperança em sociolinguística podem levar a outras formas criativas para sobreviver às condições atuais de precarização, violência e desigualdade”.

O cronograma de ações de pesquisa e a definição dos locais de observação e de interação dependem das características da localidade em que vivem os sujeitos e de suas disponibilidades para encontro e interação. Os registros das falas de cada grupo são sintetizados pela equipe de pesquisa e discutidos no interior dos grupos, resultando novos discursos, mais densos, que merecem análise mais detida.

A primeira consideração se refere à relevância de uma linha de pesquisa que priorize grupos vulneráveis, no contexto distópico em que nos encontramos, como profissionais da linguagem. A segunda é que se retome, na coleta de dados, a preocupação em coletar narrativas sobre experiência pessoal em que se verifica desigualdade, injustiça, constrangimento, desalento e privação dos direitos fundamentais. A terceira é que, na medida do possível, se aplique à coleta a estratégia do sujeito coletivo falando, com entrevista em grupos focais, formados por pessoas que tenham algum tipo de compartilhamento de experiência com situações adversas. A quarta, que os tópicos das narrativas decorram da lista das variáveis presentes nos sociodiagnósticos de comunidades vulneráveis, que enunciámos acima. Por fim, a partir da análise crítica das formulações do sujeito coletivo, levantam-se estratégias de ação e discurso, para provocar adesão ao movimento de enfrentamento das desigualdades e das opressões e, sobretudo, de conquista da cidadania reclamada.

Referências

AMARAL, Kamilla O. do. **Emergência de usos, variação e identidade: o caso de {-STE}** na página Tal Qual Dublagens. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, Florianópolis, 2020.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERG, R. DA S.; VOTRE, S. J. Análise de discursos de graduandos. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 2, p. 01-14, 23 nov. 2020.

CEDERGREN, Henrietta J.; SANKOFF, David. Variable Rules: Performance as a Statistical Reflection of Competence. **Language**, vol. 50, n. 2, 1974, p. 333-355.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília, UnB, 2016.
GT de Sociolinguística da ANPOLL, 35 anos depois: reflexões e cenários? Painel temático apresentado por MACHADO VIEIRA; Marcia dos Santos; VANDRESEN, Paulino; VOTRE, Sebastião Josué; WIEDEMER, Marcos Luiz. 1 vídeo (1h54min40s). Publicado pelo canal webTVUFRJ em:

<https://www.youtube.com/watch?v=twqavEdS8Vw&t=1835s>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

LABOV, William. **Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular**. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William; FASHEL, David. **Therapeutic discourse: Psychotherapy as conversation**. New York: Academic Press, 1977.

LATOURE, Bruno. **A esperança de pandora**. Bauru, EDUSC, 2001.

LUNA FREIRE, Letícia de. Seguindo Bruno Latour: Notas para uma antropologia simétrica. In: **Comum**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 26, p. 46-65, 2006.

MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos e Wiedemer, Marcos Luiz. **Plano de trabalho do GT de sociolinguística**, 2018/2020.

PICHETH, Sara; CASSANDRE, Marcio; THIOLENT, Michel. **Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo**. Educação, s3-s13, dez. 2016.

POGREBINSCHI, Thamy, **Será o neopragmatismo pragmatista?** Interpelando Richard Rorty. *Novos estudos*. CEBRAP, n. 74, São Paulo, 2006, p. 125-138.

RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

ROUSSEAU, P.; SANKOFF, David. *Advances in variable rule methodology*. In: ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. (Orgs) **Linguistic variation: models and methods**. New York: Academic Press. 1978. p. 57-69.

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. Lisboa, Presença, 2005.

RORTY, Richard. **Philosophy and Social Hope**, Penguin Books, 2000.

SILVA, Daniel N.; LEE, Jerry W. “Marielle, presente”: Metaleptic temporality and the enregisterment of hope in Rio de Janeiro. **Journal Sociolinguistics**. 2020, p. 1-19.

STOER, Stephen; MAGALHÃES, António; RODRIGUES, David. **Os lugares da exclusão social: um dispositivo de diferenciação pedagógica**. São Paulo, Cortez, 2004.

VALLE, Carla R. M. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição**. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VALLE, Carla R. M.; GÖRSKI, Edair M. A entrevista sociolinguística como locus de significados socioestilísticos: categorias macrossociológicas, identidade local e individual. **Domínios de Lingu@gem** | Uberlândia | vol. 13, n. 3 | jul. - set. 2019. v. 13 n. 3 (2019): Número atemático.

VOTRE, Sebastião. **Análise do discurso**. São Paulo, PARÁBOLA, 2019.

VOTRE, Sebastião. 2020. Entrevista a Working Papers in Linguistics. **Working Papers in Linguistics**, 21(1): 8-16, Florianópolis, jan./jul., 2020.

Recebido em: 10 de dezembro de 2020

Aceito em: 31 de maio de 2021

Publicado em agosto de 2021

Sebastião Josué Votre
E-mail: svotre@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7871-0211>
